

Ana Triste

Uma visão feminina de 1824

ANGELA BARROS LEAL¹

Vês esse pé de jurema
Perto do rio plantado?
Aí tombou meu marido
Por El'Rey executado.

De fato, de Wenceslau
era a mão no arcabuz.
Mas foi El'Rey quem ordenou
sua morte, a minha cruz.

Wenceslau me fez viúva
meus sete filhos sem pai
em Santa Rosa chorei
sem um grito, sem um ai.

Vês aquela mancha rubra
sobre o chão, já ressecada?
Ali Tristão verteu sangue
sob o golpe de uma espada

Os companheiros fugiram.
Sozinho, pois, o deixaram
à beira do Jaguaribe
que os monarquistas cercaram.

Eram nove da manhã.
Sozinho Tristão ficou
iria pagar com a vida
não louvar o Imperador.

1 Sócia Efetiva do Instituto do Ceará

Sob o cerco do inimigo
bateu-se em peleja ardente.
A prova era a própria bala
que o atingiu pela frente

O tiro cruzou seu peito
e pelas costas saiu.
Lutou ainda, teimoso,
não tremeu e não fugiu

Bala de chumbo, certa
varou o seu coração.
Dez gramas o peso dela:
bastou pra levar Tristão.

Dizem que a luz da manhã
cruzou inteira seu corpo
flecha dourada, doída,
e Tristão caía morto

Entre aqueles que o mataram
estava José Leão.
De tanto que o odiava,
num golpe cortou sua mão

“Com esta mão me condenaste”,
bradou o súdito do Rey
“pois a levo à Capital
onde impera a nossa Lei”.

Um outro, com uma peixeira,
a orelha de Tristão decepou.
Com ela receberia
os ouros do Imperador.

Vês aquela cerca viva
pesada de frutos rosados?
Nela amarraram Tristão
qual Jesus, crucificado.

Depois de morto o ergueram
sem dó e sem piedade
com cipó o penduraram
Voltado para a cidade

O povo foi proibido
de a ele dar sepultura
que ficasse seu corpo à vista
dia claro e noite escura.

Servisse Tristão de exemplo
a qualquer rebelião:
teriam o mesmo fim
que os da Confederação

Era 31 de outubro
E vinte e quatro era o ano.
Só em dezembro o enterraram
seco, murcho, um resto humano.

Vês esta mulher no espelho.
É um espantalho o que viste?
Sou eu, que com a morte dele
me transformei em Ana Triste. (NR)

(NR) Nota da redação:

Ana Triste de Alencar Araripe, anteriormente Ana Porcina Ferreira de Lima, depois **Ana Porcina de Alencar Araripe**, nasceu em 16 de fevereiro de 1789, no Crato, Ceará. Era filha do Capitão-mor Joaquim Ferreira Lima e de Desideria Maria do Espírito Santo de Oliveira Botelho.

Casou-se com **Tristão** Gonçalves Pereira de Alencar, depois **Tristão Gonçalves de Alencar Araripe**, um dos mais atuantes revolucionários da Confederação do Equador no Ceará, em 11 de julho de 1810, no Crato.

Tiveram os seguintes filhos: Xilderico, Neutel, Aderaldo, Carolina, Maria, Tristão e Delicarliense. O casal também criou um filho anterior de Tristão chamado de Pedro Jaime. Faleceu em 15 de outubro de 1874, em Fortaleza, Ceará, aos 85 anos.